



RESENHA

ARENAS CULTURAIS: TRANSFORMAÇÕES DAS CIDADES SUL-AMERICANAS NO DECORRER DO SÉCULO XX

Letícia Nardi¹

Resenha do livro: GORELIK, Adrián; PEIXOTO, Fernanda Arêas (Org.). *Cidades sul-americanas como arenas culturais*. Tradução Francisco José M. Couto. São Paulo: Edições Sesc, 2019.

O que caracteriza cada cidade? Que identidades permeiam as cidades sul-americanas? Como passaram o século XX? As narrativas oficiais de suas histórias urbanas são suficientes para compreender a diversidade cultural que as compõem? Como se dão as relações entre cidade e cultura? Como as cidades conectam e absorvem aspectos culturais mais amplos, regionais ou universais?

A obra *Cidades sul-americanas como arenas culturais* percorre essas questões a partir de uma construção coletiva que reúne 25 autores e 23 textos, que apresentam 14 cidades sul-americanas em 8 países diferentes. Essa vasta gama de referências ilumina a relação cidade e cultura tendo como fio condutor o mote proposto por Richard Morse em um dos seus últimos textos a respeito das cidades sul-americanas, que denominou “arenas culturais”. O arquiteto e historiador argentino Adrián Gorelik e a antropóloga brasileira Fernanda Arêas Peixoto encampam a organização desse projeto continental, traduzido para a língua portuguesa, e costuram de forma consistente esse fazer em conjunto.

O livro reflete diversas áreas do conhecimento que se debruçam sobre as temáticas urbanas. A cidade é objeto de estudos, de pesquisas, é cenário e protagonista de narrativas literárias, é foco de propostas, de planejamentos, é e faz notícia. No campo da arquitetura e urbanismo, que é a minha referência, a cidade reúne uma infinidade de dados espaciais e numéricos, estáticos e dinâmicos. Nesse contexto, planos e projetos usualmente a compreendem por uma vista superior — o mapa, a foto aérea e, na atualidade, toda sorte de aplicativos virtuais que permitem aos

1 Arquitecta e urbanista (UFPR, 1999) com especialização em Gestão do Patrimônio Cultural Integrado ao Planejamento Urbano da América Latina (Programa ITUC/AL – CECI – UFPE, 2003). É mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade (PGAU-Cidade, UFSC, 2011). É organizadora do livro *Patrimônio Cultural e Cidade Contemporânea* (Edufsc, 2012), em colaboração com Alicia Norma de González Castells, e autora do livro *Centro histórico: entre a preservação e a dinâmica urbana* (Appris, 2015). Desde 2015, é proprietária da empresa Inspire-C Arquitetura, Urbanismo e Patrimônio Cultural. E-mail: leticia@inspire-c.com.

especialistas, ou não, ter a cidade na tela do computador ou na palma das mãos.

Essa visão panorâmica, apesar de parecer abrangente, é parcial e incompleta, ficam desfocadas vivências e práticas, tramas sociais e culturais. Propor o olhar para a relação entre cidade e cultura nos força a ampliar e mudar a perspectiva, ver mais de perto, mais de dentro. Porém, apesar de mais instigante, esse olhar mais amplo e profundo é desafiador, pois a complementaridade não encerra as possibilidades de análise, como alerta Nabil Bonduki na apresentação do livro. Para o autor, “cidade e cultura formam um eixo de duas direções, que se interpenetram gerando uma unidade multifacetada difícil de ser compreendida como um todo, pois não é totalizante” (p. 7).

O livro perpassa o espectro temporal do século XX, evidenciando a dinâmica de permanências e transformações inerentes às configurações urbanas. Partindo da consolidação da cidade colonial, no século XIX, as cidades percorreram esboços de modernidade até serem atingidas em cheio pela ciência do urbanismo e, em processo de urbanização acelerados, desmantelaram intenções de planejamento, na contemporaneidade. No auge desse processo de planejamento e do controle sobre o território urbano está o Modernismo. A cidade moderna representou a busca por um modelo perfeito de cidade, com uma ordem única e inteligível na qual tudo e todos se encaixariam democraticamente. Um símbolo: a *Ville Contemporaine* de Le Corbusier, vivenciada por seu homem-tipo, o *modulor*.

Como é possível verificar até mesmo em alguns capítulos do livro, o Modernismo se configurou de diversas maneiras no contexto internacional e nacional, na consolidação e transformação dos territórios urbanos. E não só no âmbito urbano: o Modernismo é referência para diferentes e importantes pensamentos em áreas distintas do conhecimento e da produção cultural, menos por uma perspectiva totalizadora de suas intenções, mais pelo potencial transformador e interventivo. As mudanças de pensamento e visão de mundo impostas por esse movimento se materializaram na cidade, em muitos exemplos, com marcas profundas, quiçá cicatrizes.

Nesse sentido, é interessante refletir como a utopia urbana modernista se distancia do que se configurou como cidade nos moldes da contemporaneidade. A cidade contemporânea escancara os limites estabelecidos, tanto em termos quantitativos, quanto qualitativos. É mais caótica, fragmentada, de difícil compreensão em suas complexas articulações. Ela reúne

evidências de vários tempos, vivenciados concomitantemente, trazem luz não somente às características materiais da cidade, as formas ou critérios concretos que a conformam, mas também à imaterialidade que a transforma em locus privilegiado das interações humanas, constituído por elas e ao mesmo tempo conformando-as. (NARDI, 2015, p. 118.)

Nesse sentido, ao transcender o pensamento sobre fracasso ou sucesso da teoria modernista e focar na própria natureza da cidade, é viável a distinção entre cidade e urbano ratificada por Manuel Delgado, para quem:

A cidade é um lugar, um grande terreno no qual se ergue uma quantidade considerável de construções, encontramos a implantação de um conjunto complexo de infraestruturas e vive uma população bastante numerosa, cujos membros em sua maioria não se conhecem entre si. O urbano é outra coisa diferente. Não é a cidade, mas as práticas que não param de percorrê-la e enchê-la de percursos; “a obra permanente dos habitantes em movimento, ao mesmo tempo mobilizados por e para essa obra” [LEFEBVRE, 1978, p. 158]. (DELGADO, 2007, p. 11, tradução nossa.)

Compreender esse processo de interação entre estrutura e prática, no âmbito da história cultural urbana, portanto, considerando a dimensão temporal, revela a cidade e a potência de sua caracterização como arena ou arenas culturais.

O QUE SÃO ARENAS CULTURAIS?

Richard Morse cunhou o termo e se debruçou sobre a análise que resultou, no início da década de 1980, no texto denominado *Cidades periféricas como arenas culturais*, no qual analisa cidades que extrapolam o mundo americano. Ele se vale dos estudos sobre Viena e São Petersburgo para melhor compreender as cidades da América Latina.

Para Gorelik e Peixoto a referência do termo é base para a construção coletiva que propõem. Parafraseando o título de Morse, o termo é definido como potência “por sua capacidade de apresentar a cidade simultaneamente como lugar de germinação, de experimentação e de combate cultural” (p. 15). Porém, os organizadores alertam que, em sua obra coletiva, o sentido do termo difere da interpretação de Morse, que celebra a cultura latino-americana, usando-o para evidenciar sua hipótese de que as culturas urbanas periféricas são muito mais intensas e interessantes do que as centrais.

No livro resenhado, a intenção da referência a Morse se dá mais no sentido de aproveitar “o extraordinário arsenal de recursos analíticos que (...) ele forneceu para uma compreensão histórico-cultural muito sofisticada das cidades do continente” (p. 15).

No decorrer da leitura dos artigos, fica claro que arenas culturais não configuram espaços físicos, delimitados e estáticos, que o conceito aplicado se distancia da noção de palco e cenário que a etimologia e os significados da palavra emanam. Os autores, na apresentação de cada cidade, problematizam o termo com exemplos tão distintos como a educação e a boêmia, as transformações da avenida Paulista, o uso de um léxico local, as disputas por poder, as margens do rio, o planejamento urbano, entre outros aspectos.

Na profusão de informações que os textos apresentam, é possível dizer que, em essência, arenas culturais são as pulsões de revelação das transformações urbanas. Algumas delas mais evidentes e palpáveis como o Edifício Martinelli, em São Paulo ou o Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, outras bastante sutis, como as memórias da infância, no Recife de Gilberto Freyre. Elas são produtos e produtores de processos ora mais extensos, ora mais urgentes das transformações culturais, sociais, políticas, que estabelecem e são configuradas nas dinâmicas urbanas.

O cultural não abrange somente as questões identitárias de cada espaço urbano, mas traz luz para arranjos ideológicos, tensões políticas, diversidades sociais que interagem, são absorvidos e/ou transformam ou são transformados no contexto local. Assim, os autores guiam o olhar dos leitores para apresentar cada uma dessas arenas culturais como ponto de partida para uma viagem mais aprofundada dos contextos históricos e tramas relacionais inerentes ao viver e ao fazer urbanos.

ARENAS CULTURAIS COSTURADAS EM PARTES

Dentre os aspectos mais instigantes da leitura panorâmica da obra está a forma como os textos são dispostos e as temáticas costuradas. Se, por um lado, a disposição cronológica é de fácil compreensão, as relações temáticas dependem de uma compreensão sutil e aprofundada dos textos, das partes, do todo.

Nesse processo, os organizadores reúnem autores de disciplinas diversas — história cultural, história da arquitetura, antropologia, sociologia, crítica literária, estudos culturais — para compor uma análise heterogênea de recortes e percursos que buscam manter a vitalidade narrativa e

analítica. É evidente o árduo trabalho curatorial para que o diálogo se estabeleça de forma consistente. Ao longo do processo de leitura, a vitalidade é recorrente, porém, em alguns contextos é necessário um conhecimento mais apurado de fatos e personagens para que o leitor se conecte com o contexto e estabeleça a compreensão desejada.

Em grande parte dos textos é possível reconhecer as arenas culturais como foco da análise que irradia ou concentra processos de transformação, ações de resistência, disputas de poder. A disposição cronológica e temática, que separa os textos em cinco partes fornece um processo interessante em que algumas cidades são revisitadas em mais de um período, em outros contextos, reforçando o aspecto de que para cada cidade há uma infinidade de arenas culturais possíveis.

PARTE I – LABORATÓRIOS CULTURAIS (SÉCULOS XIX E XX) RIO DE JANEIRO, BUENOS AIRES E SÃO PAULO

As cidades são retratadas a partir dos ventos da modernidade que começam a soprar nos contextos urbanos sul-americanos. Novas experiências que transformam a cidade em laboratório de novas visões de mundo e acabam por deslocar tradições.

A rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, é retratada por Maria Alice Rezende de Carvalho na tensão entre a imposição de um projeto modernizador e a consistência de um espaço de diversidade social e racial, consoante as memórias locais. Em Buenos Aires, Pablo Ansolabehere retrata, a partir da perspectiva dos escritores boêmios, a dialética de viver e resistir na cidade. Paulo César Garcez Marins traz a luz às transformações arquitetônicas da avenida Paulista que se tornou lócus das elites imigrantes em São Paulo.

PARTE II – LÍNGUAS PARA O NOVO E A MEMÓRIA (1910—1930) LA PLATA, CÓRDOBA, MONTEVIDÉU, RECIFE, BUENOS AIRES E SÃO PAULO

O início do século XX aprofunda a demanda pelo novo; o planejamento, as tecnologias, a fruição do conhecimento e a consciência social passam a fazer parte mais constante das vivências urbanas.

Na planejada La Plata, Gustavo Vallejo relata personagens atentos às mudanças sociais em uma perspectiva educacional e feminista. Ana Clarisa Agüero foca o ano de 1918 para compreender a reforma universitária de Córdoba e os movimentos da configuração urbana dos bairros. Grupos literários são o objeto de análise de Jorge Myers, quando exaltam

a chegada da modernidade em Montevideu e sua demanda cosmopolita. José Tavares Correia de Lira descreve Recife com base nos embates entre as memórias de infância de Gilberto Freyre e as utopias modernistas transformadoras. Em um segundo momento, o texto de Lila Caimari delinea Buenos Aires por meio da relação sutil entre o léxico lunfardo e o movimento das ruas, que caracteriza uma identidade urbana. O Edifício Martinelli, em São Paulo, protagoniza o texto de Fernanda Arêas Peixoto e Alexandre Araújo Bispo, para evidenciar as representações sociais da cidade que se transforma intensamente.

PARTE III — CENAS DE MODERNIZAÇÃO (ANOS 1940—1970) **BOGOTÁ, CARACAS, RIO DE JANEIRO, BRASÍLIA E SALVADOR**

A modernidade é uma realidade, o tempo urge e as cidades latino-americanas correm contra ele para afastar as representações retrógradas.

O Bogotazo é o enfoque de Germán Rodrigo Mejía Pavony para retratar a reconstrução de Bogotá sobre os escombros desse evento político catastrófico, em um contexto de modernidade. Gustavo Guerrero apresenta o ritmo acelerado das transformações de Caracas, impostas pelos planos urbanos do ditador Pérez Jiménez com a finalidade de representar um avanço no tempo histórico e a consolidação da cidade atualizada ao tempo moderno. No Rio de Janeiro, Julia O'Donnell descreve a transformação do areal em Copacabana, o balneário que se tornou símbolo cosmopolita e essência da identidade carioca e nacional. As tensões e aspirações da ocupação do sertão pelo projeto urbanístico emblemático de Brasília protagonizam o texto de Nísia Trindade Lima e Tamara Rangel Vieira. Salvador é retratada por Silvana Rubino a partir de seus renascimentos e narrativas de valorização de um fazer urbano que tenta preservar a memória, ao mesmo tempo que incorpora o novo.

PARTE IV — CENAS PARTIDAS (ANOS 1940—1970) **QUITO, MONTEVIDÉU, BUENOS AIRES, LIMA, SÃO PAULO E SANTIAGO**

A utopia urbana modernista começa a perder força, a contemporaneidade expõe a fragmentação e complexidade da configuração urbana.

Eduardo Kingman Garcés traz a luz à equatoriana Quito pela perspectiva dos ambulantes, com identidade indígena e mestiça, que conquistaram espaços de vivência na urbe moderna. Montevideu retorna por meio do texto de Ximena Espeche, que apresenta a tensão entre a anti-modernidade do campo e o predomínio de uma cidade com tradição europeia. O texto

de Adrián Gorelik reapresenta Buenos Aires com foco nas representações intelectuais e artísticas da *villa miseria*. O contexto da *barriada* protagoniza o texto de Anahi Ballent sobre Lima, a cidade marginalizada e sua potência criativa. São Paulo é revisitada na análise de Heloisa Pontes, que descreve a cidade na década de 1960 em uma perspectiva radical, na qual obras de teatro inquirem os novos sujeitos urbanos. Gonzalo Cáceres caracteriza Santiago como a capital da esquerda, situada entre o reformismo democrata-cristão e o experimentalismo radical da Unidade Popular.

PARTE V — ESPETÁCULOS URBANOS (ANOS 1990—2010) **BUENOS AIRES, RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO**

A travessia pelo século XX se completa, o urbano perpassou a dinâmica de permanências e transformações com marcas profundas, fragmentações e interesses cada vez mais explícitos.

Buenos Aires é retratada por Gonzalo Aguilar com foco no bairro do Abasto e no Festival Internacional de Cinema Independente (BAFICI), ali realizado, para evidenciar o impacto da indústria cultural no território urbano. Beatriz Jaguaribe reapresenta o Rio de Janeiro retratado nas telenovelas, considerando o imaginário social da favela sob a perspectiva de um produto cultural de massa. Por fim, São Paulo e o Teatro Oficina protagonizam o texto de Guilherme Wisnik, que revela a importância dos movimentos culturais para enfrentar forças e interesses econômicos que se impõem na cidade.

O repertório urbano percorrido no livro é vasto e intenso. Compreender verdadeiramente a cidade nessa perspectiva das arenas culturais requer esses movimentos de análise que se situam entre o plano panorâmico, que permite colocar lado a lado os ensaios e compará-los, e uma leitura solitária, cujas referências internas de cada texto apresenta um universo de possibilidades de aprofundamento. No caso de *Cidades sul-americanas como arenas culturais*, vale a pena percorrer os dois caminhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELGADO, Manuel. *Sociedades movedizas: pasos hacia una antropología de las calles*. Barcelona: Anagrama, 2007.
- LEFEBVRE, Henri. *El derecho a la ciudad*. Barcelona: Península, 1978.
- NARDI, Leticia. *Centro histórico: entre a preservação e a dinâmica urbana*. Curitiba: Appris, 2015.